



## **Arteterapia - O desenvolver da expressão em pessoas com transtornos mentais<sup>1</sup>**

Liandra SANTAROSA<sup>2</sup>

Luís Gustavo Nolasco de Souza FERRO<sup>3</sup>

Néliane Catarina SIMIONI<sup>4</sup>

Audre Cristina ALBERGUINI<sup>5</sup>

Instituto Superior de Ciências Aplicadas, Limeira, SP

### **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo apresentar a arteterapia como complemento ao tratamento dos transtornos mentais desenvolvida nos Caps (Centros de Atenção Psicossocial) e hospitais psiquiátricos da região de Limeira (SP). O vídeo-reportagem “Arteterapia - O desenvolver da expressão em pessoas com transtornos mentais” é um trabalho jornalístico, que busca retratar a rotina dos pacientes que participam de atividades artísticas, tais como teatro, pintura, música e artesanato, bem como a visão de médicos e estudiosos do assunto, além de discutir os caminhos da arteterapia. Para isso, foram entrevistados pacientes dos Caps e hospitais psiquiátricos da região de Limeira, psiquiatras, pesquisadores da área e arteterapeutas. Trata-se de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pelo Instituto Superior de Ciências Aplicadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** arteterapia; doenças mentais; vídeo-reportagem.

### **1 INTRODUÇÃO**

A loucura e a razão caminham lado a lado. Entre as duas, existe um frágil espaço denominado inconsciente. Seria pretensão tentar defini-las. Para a Filosofia ser louco depende da sociedade em que se vive do momento histórico e da cultura vigente. Na Psiquiatria, a loucura é resultante de uma doença mental, que pode ser ocasionada por diversos fatores. Já Freud, ao fundar a Psicanálise, afirmou que a loucura está, de certa forma, no inconsciente de todos.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, pelo Instituto Superior de Ciências Aplicadas - ISCA, de Limeira.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo do ISCA, email: [lia.jornalismo@gmail.com](mailto:lia.jornalismo@gmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo do ISCA, email: [g.nollasco@gmail.com](mailto:g.nollasco@gmail.com).

<sup>4</sup> Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo do ISCA, email: [neliane.simioni@gmail.com](mailto:neliane.simioni@gmail.com)

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do ISCA, email: [audre.isca@yahoo.com](mailto:audre.isca@yahoo.com)



Mas a loucura está longe de ser o fato contingente das fragilidades de um organismo. Segundo Lacan, ela é a virtualidade permanente de uma falha aberta na essência do ser. E o ser do homem não pode ser compreendido sem sua loucura, assim como não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura como limite de sua liberdade (LACAN, 1987).

A loucura, o delírio e as alucinações expressam a subjetividade e complexidade do homem. Assim como as artes. Principalmente na década de 20, a arte começou a ser vista sob um enfoque mais amplo, contemplando não somente a possibilidade de diagnóstico, mas também com destaque para seu aspecto terapêutico.

No Brasil, foram desenvolvidos trabalhos pioneiros na introdução da arte como proposta terapêutica realizada com pacientes psiquiátricos institucionalizados por Osório César e Nise da Silveira.

Osório César é considerado o precursor da perspectiva terapêutica da arte no Brasil. Sua prática foi realizada com pacientes internos do Hospital Psiquiátrico de Juqueri e seu primeiro artigo sobre o tema, de 1925, intitula-se *A Arte Primitiva nos Alienados* (FERRAZ, 1998).

Nise da Silveira desenvolveu e coordenou ateliês de arte com pacientes psiquiátricos e fundou o Museu de Imagens do Inconsciente, em 1952, reunindo o material produzido pelos internos do Centro Psiquiátrico Nacional, no Rio de Janeiro.

Com o início da Reforma Psiquiátrica, a partir dos anos 70, ocorreram diversas transformações no modo de lidar com a loucura. O processo de desinstitucionalização propõe uma atuação diferenciada da pessoa em sofrimento psíquico, não apenas retirando-a dos hospitais psiquiátricos, mas reinventando ações que envolvem o indivíduo, a família e a comunidade. A arteterapia compartilha com estes objetivos e se insere como trabalho nas oficinas terapêuticas, partindo do princípio de que qualquer usuário pode ter sua capacidade expressiva preservada, independente de seu grau de sofrimento mental.

Pensando na proposta da arte em desenvolver subsídio terapêutico e, mesmo, de inclusão social, os autores deste trabalho de conclusão produziram um vídeo-reportagem sobre a arteterapia como complemento ao tratamento dos transtornos mentais nos Caps e hospitais da região de Limeira.



## 2 OBJETIVO

O objetivo desse vídeo-reportagem é abordar como se dá a prática da arteterapia nos hospitais psiquiátricos e Caps da região de Limeira e mostrar o papel da arte na vida das pessoas com transtornos mentais.

## 3 JUSTIFICATIVA

No decorrer da Reforma Psiquiátrica, a mídia foi cedendo, aos poucos, espaço às questões relativas ao processo da luta antimanicomial. Ainda falta muito a ser apresentado, exposto e esclarecido à sociedade, mas significativa parcela de todo o processo já foi apresentado, demonstrando que o tema merece ser colocado em pauta mais vezes. Exemplo disso foi a inserção do tema pela telenovela “Caminho das Índias”, da autora Gloria Perez, que esteve no ar durante 2009.

O tema teve grande importância e destaque na trama, inclusive retratou um centro de ressocialização que adota o método de clinicar da doutora Nise da Silveira, renomada psiquiatra brasileira que inovou quanto às formas de tratamento. A partir disso, boa parte do foco da mídia e da sociedade foi voltada para a loucura, assim como seus tratamentos, sintomas, dificuldades, preconceito, entre outras questões. Entretanto, com o fim da novela, o assunto voltou a cair no esquecimento.

Por serem consideradas “notícias frias”, as pautas relacionadas à luta antimanicomial não recebem muita atenção por parte da imprensa. Mas, do fim da década de 90 para o início do século XXI, os jornais foram os responsáveis por maior destaque e mais espaço aos acontecimentos relacionados ao tema. Um estudo intitulado *Reforma psiquiátrica e mídia: representações sociais na Folha de S. Paulo*, de Ana Lúcia Machado, constata que, durante o período analisado, de 1994 a 1999, uma opinião dicotômica se formou, dividindo-se entre os que se “posicionavam” a favor da Reforma e os que discordavam do novo sistema proposto.

Sendo o jornal importante instrumento de formação de opinião pública, pode-se assim, fazer uma prospecção do modo como a sociedade se informava com relação ao tema, e mais ainda, se posicionava com relação à Reforma Psiquiátrica.

Entretanto, há muito que avançar no que diz respeito à responsabilidade da mídia em esclarecer e abordar o assunto. Pode-se notar que a Reforma Psiquiátrica não é um movimento finalizado na sociedade brasileira, a luta é um processo contínuo e o assunto



ainda fomenta debates e discussões a respeito, por isso há muito que se noticiar e explicar ainda.

É possível que a Teoria do Agendamento<sup>5</sup> explique esse comportamento apresentado pela mídia de alternância, que ora traz o assunto à tona, ora o deixa em total esquecimento, sendo noticiado apenas os principais acontecimentos e ações de toda a Reforma Psiquiátrica.

Na maioria dos casos, estudos baseados nessa teoria referem-se à confluência entre a agenda midiática e a agenda pública. Entretanto, seus objetivos não são verificar mudanças de votos ou de atitude, mas sim a influência da mídia na opinião dos cidadãos sobre que assuntos devem ser prioritariamente abordados pelos políticos (PENA, 2008, p. 144).

Com a capacidade de incitar a discussão e opinião na sociedade, a mídia apresenta, assim, parte da responsabilidade do desenvolvimento da Reforma Psiquiátrica, por meio da informação levada aos cidadãos.

Recentemente, a mídia de entretenimento, num âmbito mais universal, deu notoriedade ao tema com o suspense *Ilha do Medo*, do renomado diretor americano Martin Scorsese. A trama se passa em um hospital psiquiátrico, nos anos 50, e faz muitas referências aos tratamentos daquela época, como lobotomia, eletrochoque, entre outros. Além de abordar o assunto por uma perspectiva diferente, o longa-metragem evidencia linhas de pensamentos de Foucault ao apresentar cenas em que se ignora o que os loucos ou demais portadores de sofrimento psíquico falam, apresentando, assim, uma evidência da falta de voz e oportunidades que a sociedade emprega sobre tais pessoas. Tal conduta de ignorância sobre os portadores de transtornos mentais é notada desde tempos antigos, pois o discurso dos loucos já não era ouvido, ou então, contraditoriamente, o que diziam poderia se tornar algo valioso, repleto de sabedoria e ingênua verdade. De uma forma ou de outra, o louco era tratado como ser dessemelhante, e conseqüentemente preterido.

O comportamento da mídia e principalmente de toda a sociedade perante as pessoas que apresentam comportamentos diferentes, em especial os loucos, se mostra ainda inerente à discussão e à questão da autonomia que tem a palavra do louco. Pouco

---

<sup>5</sup> A Teoria do Agendamento defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas. Ou seja, a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos (PENA, 2008, p. 142).



se avançou no quesito de dar voz ao portador de sofrimento psíquico. Ainda são os médicos, psicólogos ou os familiares que falam por eles.

Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição. Penso na oposição razão e loucura. Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida...(FOUCAULT, 1970, p. 10-11).

Foucault aponta a palavra como um dos princípios do desentendimento com os loucos, o que, por sua vez, gera o preconceito e a exclusão dos portadores de sofrimento psíquico.

Era através de suas palavras que se reconhecia a loucura do louco; elas eram o lugar onde se exercia a separação; mas não eram nunca recolhidas nem escutadas. Jamais, antes do fim do século XVIII, um médico teve a ideia de saber o que era dito (como era dito, por que era dito) nessa palavra que, contudo, fazia a diferença. Todo este imenso discurso do louco retornava ao ruído; a palavra só lhe era dada simbolicamente, no teatro onde ele se apresentava, desarmado e conciliado, visto que representava aí o papel de verdade mascarada (FOUCAULT, 1970, p.11-12).

#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para o desenvolvimento deste trabalho foram empregadas as seguintes técnicas de coleta de dados:

- **Pesquisa bibliográfica e pesquisa documental:** as pesquisas em livros, artigos científicos e documentos tiveram início no primeiro semestre de 2010, para a elaboração do relatório de pesquisa. O levantamento bibliográfico teve prosseguimento no 2º semestre de 2010. As pesquisas são referentes aos seguintes assuntos: Jornalismo, Telejornalismo, Saúde Mental, Hospitais Psiquiátricos e Caps, Reforma Psiquiátrica no Brasil, Arteterapia.
- **Observação direta:** Visitas aos Caps e a hospitais psiquiátricos de Limeira e região foram úteis para verificar o uso da arteterapia no tratamento dos pacientes acometidos por transtornos mentais, bem como a observância aos resultados obtidos junto aos pacientes.



- **Entrevistas semi-estruturadas:** Entrevista foi a principal forma de coletar informações para a elaboração deste vídeo-reportagem. Foram realizadas entrevistas com pacientes, psiquiatras, pesquisadores da área e arteterapeutas.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

### O Percurso

O Trabalho de Conclusão de Curso teve início no primeiro semestre de 2010 com as pesquisas bibliográficas e a preparação do relatório do trabalho. Nesta fase, a maior dificuldade foi encontrar uma definição sobre o que é loucura e um foco para o vídeo-reportagem. Nesse período, foram feitas as primeiras imagens do vídeo-reportagem no Hospital Psiquiátrico Antônio Luiz Sayão, no final de abril.

O foco do vídeo-reportagem foi definido ao longo das gravações: mostrar a arteterapia no complemento do tratamento dos transtornos mentais. Para o grupo, esta é uma nova abordagem da “loucura”.

Não foi tarefa fácil ter a permissão para gravar nos Caps e hospitais, bem como encontrar projetos de relevância que se utilizam da arteterapia. Apesar das dificuldades, as gravações começaram no dia 06 de outubro, às 15h, no Instituto Allan Kardec de Rio Claro. Na ocasião, um grupo de voluntários encenava uma peça de teatro para os alunos da instituição, além de haver apresentações artísticas de algumas crianças com transtornos mentais leves do Allan Kardec.

No dia 09 do mesmo mês, sábado, às 11h, o grupo esteve no IX Congresso Brasileiro de Arteterapia, em São Paulo. Lá entrevistou a autora do livro “Arte-terapia e Loucura”, Sônia Maria Buffarah Tommasi, a psicóloga Maíra Bonafé Sei, que também é diretora da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, e o arteterapeuta Sandro Leite. Após as entrevistas, foi gravada uma passagem no anfiteatro do local.

Já no Caps II de Piracicaba, a gravação foi realizada no dia 13 de outubro, quarta-feira, às 14h, durante uma oficina de pintura.

No dia 05 de novembro, sexta-feira, foi entrevistado o psiquiatra Carlos Eduardo Campelo Vilela, responsável pelo Caps II de Limeira. A conversa foi importante para esclarecer o funcionamento de um Centro de Atenção Psicossocial (Caps).

Também foram gravados os ensaios de uma peça de teatro do grupo “Novo Caminho”, com pacientes do Caps III de Rio Claro, onde foi gravada a passagem no dia



08 de novembro, segunda-feira, às 15h, no Centro Cultural de Rio Claro, sob a direção da professora de teatro Aline Arines.

No sábado, 13 de novembro, às 10h, a psiquiatra Marli Chapeval cedeu uma entrevista em sua residência esclarecendo os prós e contras da arteterapia.

As gravações foram finalizadas no dia 16 de novembro, terça-feira, às 16h30, no Centro Comunitário e de Convivência “Espaço das Vilas” do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, em Campinas, com um grupo de música. No mesmo dia, foi gravada outra passagem.

O roteiro do vídeo-reportagem foi finalizado no dia 17 de novembro e a edição começou a ser feita no dia seguinte, com o auxílio de um editor e cinegrafista. Para as filmagens foram utilizadas oito fitas, com um tempo total de sete horas entre captação de imagens e entrevistas.

O vídeo-reportagem *Arteterapia – O desenvolver da expressão em pessoas com transtornos mentais* foi finalizado no dia 21 de novembro, domingo, com acerto dos últimos detalhes.

## **O produto**

O vídeo-reportagem *Arteterapia – O desenvolver da expressão em pessoas com transtornos mentais* é um produto jornalístico de 14 minutos de duração. O foco do vídeo-reportagem é mostrar a arteterapia para complemento ao tratamento dos transtornos mentais aplicados nos Caps e hospitais da região de Limeira. O trabalho também busca retratar a rotina dos pacientes que participam de atividades artísticas, tais como teatro, pintura, música e artesanato. Para isso, foram entrevistados pacientes dos Caps e hospitais da região de Limeira, médicos, pesquisadores da área e arteterapeutas.

O vídeo-reportagem segue a estrutura padrão de uma matéria telejornalística, composta por off's, sonoras e passagens. As passagens e entrevistas foram feitas pelos integrantes do grupo: Gustavo Nolasco, Liandra Santarosa e Néliane Simioni, para dinamizar o trabalho. As gravações foram feitas por Adílson Alves e Vitor Domingos, bem como a edição do trabalho.

Foram inseridas, no vídeo-reportagem, trilhas sonoras para diferenciar o vídeo-reportagem de uma matéria jornalística factual. Também utilizamos linguagem informal para aproximar o trabalho do nosso público-alvo, que é a população em geral.



## 6 CONSIDERAÇÕES

O desenvolvimento deste trabalho jornalístico proporcionou ao grupo uma nova visão sobre a loucura e a sociedade. Afinal, o que é ser louco e o que é ser normal?

Por meio da arteterapia, chegou-se à conclusão de que a loucura não existiria por si só. Ela precisa do indivíduo para ter sentido. Por exemplo, não existe o louco, mas sim o esquizofrênico, bipolar, depressivo... A loucura está intrinsecamente ligada ao ser humano. Talvez, de todas as doenças, ela seja a mais complexa.

Porém, é a sociedade que sofre com a doença ou o dito “louco”? Ele tem consciência da situação em que está? Provavelmente não. Aí observa-se o grande preconceito existente aos que foram acometidos pelo sofrimento psíquico.

O louco é o único ser humano verdadeiramente livre dos paradigmas da sociedade. Não é que exista beleza na loucura, longe disso. Mas, ao estar em contato com eles, especialmente quando estão ensaiando uma peça de teatro, pintando ou cantando, é inevitável se perguntar: Onde está a loucura? Quem disse que ele é louco? Será que também estou louco e não me dei conta?

Ao pesquisar o histórico da loucura, é notável que ao passar das décadas muita coisa mudou. Não há dúvidas que a Reforma Psiquiátrica significa um avanço, mas ainda há muito para ser discutido. E sempre terá.

E então chega a arteterapia no meio disso tudo. Ela é a cura? Não. Talvez seja um caminho, uma parte de um todo. Observou-se que, para aquele que um dia esteve internado em um sanatório, poder continuar seu tratamento em Centros de Convivência ou Caps, fazer uma pintura, dançar ou cantar, tem grande significado. No entanto, só isso não é suficiente.

Os psicofármacos são fundamentais nesse processo, mas a arteterapia é igualmente importante. Por meio da arte, os “loucos” reaprendem a expressar suas ideias e sentimentos e se comunicar, e as outras pessoas, os ditos “normais” e saudáveis, facilitam essa ressocialização e deixam de lado o preconceito.

Enfim, a elaboração deste presente trabalho propiciou uma imensa satisfação. Foi apaixonante conhecer um pouco mais da rotina dos Caps e hospitais psiquiátricos. Mais que isso, foi um desafio mergulhar em um universo diferente, confuso e incerto e, ainda ter a oportunidade e responsabilidade de retratar esse tema de forma profissional,



contribuindo para colocar o assunto, muitas vezes tratado de forma negligente, em evidência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. São Paulo, Editora Martin Claret, 2005.

CORDIOLI, Aristides Volpato. **Psicofármacos**. Rio Grande do Sul, Artmed, 1999.

DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, psicopatologia & saúde mental**. Porto Alegre, Editora Artmed, 2008.

DSM-IV-TRTM, American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Rio Grande do Sul, Artmed, 2002.

FERRAZ, Maria Heloísa. **Arte e Loucura – Limites do Imprevisível**. São Paulo, Lemos Editorial, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

FRAYZE-PEREIRA, João. **O que é loucura**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise**. Rio de Janeiro, Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1910).

JACOBINA, Paulo Vasconcelos. **Direito Penal da Loucura**. 2008.  
Disponível em: [HTTP://www3.espmu.gov.br/linha-editorial/outras-publicacoes/Direito%20Penal%20da%20Loucura%20%20EBOOK.pdf](http://www3.espmu.gov.br/linha-editorial/outras-publicacoes/Direito%20Penal%20da%20Loucura%20%20EBOOK.pdf)  
Acesso em: 07 de junho de 2010.

JORGE, Marco Aurelio Soares. **“Engenho dentro de casa: sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental”**. Mestrado. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 1997. P.117.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2009.

LACAN, Jacques. **Intervenção sobre a transferência**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1951).

MACHADO, Ana Lúcia. **Reforma psiquiátrica e mídia: representações sociais na Folha de S. Paulo**. 2004.  
Disponível em: [http://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S1413-81232004000200024&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S1413-81232004000200024&script=sci_arttext&tlng=pt)



Acesso: 25 de maio de 2010.

MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

MELO, Cristina Teixeira V. **O Documentário como Gênero Audiovisual**. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa Comunicação Audiovisual, XXV Congresso Anual em Ciência da Computação, Salvador/BA, 2002.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo, Editora Contexto, 2005.

PESSOTI, Isaias. **Os Nomes da Loucura**. São Paulo, Editora 34, 1999.

SILVEIRA, Nise. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro, Alhambra, 1981.

SOUZA, Hélio Augusto Godoy de. **Documentário, realidade e semiose: os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

VENÂNCIO, Sandra. “**Maluco Beleza: a História do Hospital Cândido Ferreira**”, 7 de julho de 2010.

Disponível em: <http://jornalocal.com.br/site/cidadania/memorias/arquivo-46/>.